



EDITORIAL

Tempos-lugares do conhecimento e do Brasil-África

A Revista Entre-Lugar apresenta seu primeiro número de 2021, sua vigésima terceira edição. Sua construção se deu graças ao empenho dos pareceristas, dos autores e do apoio técnico recebido da Editora da UFGD. Em um tempo sobrecarregado de atividades on-line, provido por muitas horas remotas, reuniões deshumanizadas a frente de equipamentos e no isolamento o contexto pandêmico se fez ainda mais presente. Entre o negacionismo e a permanência de uma necropolítica há a presença das Universidades e o ideário da oferta do ensino público e com qualidade. Evidencia-se assim duas facetas, por um lado algo a ser destruído com brevidade, o binômio negacionismo-necropolítico, e, por outro, como um acalanto de esperança e otimismo, evidenciar aquilo que as Universidades brasileiras foram capazes de realizar no decorrer da pandemia. Essa dubiedade carregada de simbolismos reflete um tempo pretérito construído com grandes esforços e um pensamento voltado para uma amanhã melhor e inclusivo no qual não deve prevalecer ou mesmo existir preceitos neoliberais. É com o pensamento no amanhã, em um amanhã melhor, que essa edição foi construída, pois, afinal, resignação não é uma escolha possível.

O primeiro número de 2021 da Revista Entre-Lugar apresenta aos seus leitores um conjunto de textos inéditos, pesquisas e experiências de grupos de pesquisa realizadas em diversas partes do Brasil e do exterior. Soma-se a publicação de uma Seção Temática, “África em debate”, uma condição inédita para a revista. Essa Seção Temática carrega consigo uma oportunidade única, demonstra um olhar geográfico sob um lugar do mundo no qual há muito por se compreender e aprender, inclusive na forma de se fazer Geografia, de se *escrever a Geografia*. Um privilégio da Revista Entre-Lugar publicar esses olhares. Por respeito ao trabalho realizado pelos pesquisadores e pesquisadoras os textos da Seção Temática não foram transcritos para o português oficial do Brasil, optou-se por manter sua originalidade.



Essa edição apresenta também uma entrevista com Elmer Agostinho Carlos Matos, presidente da Associação Moçambicana dos Geógrafos, e, a resenha do livro “Torto arado” de Itamar Vieira Junior. A resenha, escrita por um geógrafo em formação, revela a importância da construção de uma Geografia na qual a literatura deve perpassar o processo de formação. Ao mesmo tempo aproxima os tempos-lugares do Brasil-África, um elo de ligação dos mais importantes com a Seção Temática proposta nesse número: “...dizem que até mesmo nasceu por aqui, filho de um dos trabalhadores das minas de diamante, o neto de um rei de Oyó da África, o neto do último rei a manter o império unido, antes de cair em desgraça” – trecho da obra Torto Arado.

África em debate: processos, fenômenos e dinâmicas socioespaciais

A proposta para organizar essa Seção Temática surge em fevereiro de 2020 e foi concebido com objetivo de socializar o conhecimento produzido por diversos estudiosos/as, tanto africanos/as, assim como brasileiros/as, pesquisaram ou escreveram sobre o continente africano sob vários olhares, abordagens e/ou perspectivas analíticas.

Embora no título apareça “*África em debate*”, os artigos que compõem este dossiê, trazem realidades específicas de alguns países africanos, onde os/as autores/as que aceitaram o convite realizaram suas pesquisas. Mesmo assim, as questões levantadas, narradas e analisadas cientificamente pelos/as seus/suas autores/as, transcendem as realidades específicas estudadas, pois, são reproduzidos em outros contextos geográficos do continente africano.

No atual contexto de globalização neoliberal, os artigos que compõem este dossiê, permitem sobremaneira, pensar criticamente os processos histórico-geográficos, os fenômenos geográficos e as dinâmicas socioespaciais em curso em quase todo o continente africano. É mais um dossiê organizado pelo *Grupo de Pesquisa Território Ambiente* (GTA, certificado pelo CNPq), visando contribuir para o debate em torno de questões que marcam



a contemporaneidade africana. O primeiro dossiê organizado pelo GTA, abordando temáticas sobre a África, saiu no ano de 2020, sendo que foi publicado pela Revista de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Geouerj), subordinado ao título «*Olhares geográficos sobre Moçambique*».

O diferencial deste segundo dossiê está relacionado com o fato de ter ampliado o olhar. A proposta de ampliar o olhar sobre questões que marcam a contemporaneidade africana nesta primeira metade do século XXI tinha como objetivo, trazer no mesmo dossiê diferentes realidades que caracterizam os países africanos. Ao trazer a ribalta o debate em torno do continente africano, torna-se imprescindível voltar ao (seu) passado histórico para a compreensão crítica das questões que marcam a contemporaneidade africana.

Debater academicamente a África como se propõe neste dossiê, não é, e nunca foi uma tarefa fácil, mesmo para aqueles que vivem neste continente, como também os que vivem fora dele, na medida em que as análises equivocadas continuam sendo reproduzidas em várias páginas de artigos científicos, e até alguns livros didáticos usados em algumas escolas em diversos países do mundo, sendo o Brasil, um exemplo clássico disso.

Trata-se, pois, de um exercício que precisa de certo modo, um rigor acadêmico e científico, como também uma crítica aos processos, fenômenos e as dinâmicas socioespaciais em curso ao nível do continente africano. Mas, vale ressaltar que a África não é, e nunca foi um enigma difícil de ser desmistificado, muito pelo contrário, a verdade é que quando abordada academicamente, o debate torna-se ainda mais complexo, às vezes, caracterizado por tensões e divergências teóricas entre os envolvidos. O continente africano já foi (e continua sendo) estudado por muitos/as pesquisadores/as, mas há indicações que ainda é pouco conhecido.

A realidade africana, é complexa e multifacetada, sendo que para a sua compreensão, torna-se necessário despir-se de olhares que vislumbre a reprodução





colonialidades do poder e/ou de pensamento sobre questões que marcam o quotidiano da África e dos povos africanos.

Por sua vez, essa complexidade se deve pelo facto de se tratar de um continente, em que, por um lado, mesmo em situações adversas a reprodução social dos povos nativos, lutam e resistem contra as práticas que colocam em causa as suas tradições, valores, saberes culturais, seus hábitos e costumes, enfim, o seu “modo de vida” secular, e do outro, por estar em curso profundas transformações socioespaciais em decorrência da globalização neoliberal, a qual se dá a partir de um movimento desigual e contraditório.

Cada país africano tem a sua própria geografia, características e especificidade, o que significa que ao ser analisado/estudado académica e cientificamente, é preciso ter em consideração esses aspectos, sendo que, às vezes, são únicos deste lugar. África é vasta e não pode de forma alguma, ser confundida com um país, uma localidade, etc., como tem sido em alguns casos, sobretudo, quando analisada/estudada. Esse exercício tem em vista evitar reproduzir análises e leituras equivocadas e ancoradas em preconceito e no racismo que se tornou estrutural no século XXI sobre este continente e os seus povos.

Chamado de “continente negro” por uns, a colonização europeia, é um fenómeno que deixou suas marcas em África, sendo que as mesmas estão cada vez mais presente até os dias atuais em muitos países, dada a forma desumana, violenta e turbulenta como se deu para os seres humanos diretamente implicados. É por esta razão que em muitos países africanos, verifica-se a movimentação dos povos nativos em contestação as práticas que os recordam ao período colonial no atual contexto da globalização neoliberal, caracterizado pela *exploração do homem pelo homem*, pelo saque/roubo dos recursos naturais e da terra dentre outras tragédias socioambientais em curso em África.

Para finalizar, este dossiê, é organizado e publicado num momento ímpar da história da humanidade, caracterizado pela propagação de, um vírus socialmente transmissível e com uma capacidade ímpar de infectar e de matar cruelmente as suas



vítimas, uma situação que se traduziu numa emergência sanitária global. Trata-se, portanto, da pandemia do novo Coronavírus – SARS-CoV-2 (Covid-19). A África, é um dos continentes mais afectados, embora as informações estatísticas mostre um cenário aparentemente controlado em alguns países quando comparado, por exemplo, com alguns países das Américas, da Europa, da Ásia. . A subnotificação dos casos positivos, aliado aos elevados índices de desigualdades sociais e de pobreza e, conseqüentemente, a falta e/ou indisponibilidade de *kits* de diagnósticos (testes), esteve por de trás deste aparente controle da pandemia do novo *Coronavírus* em muitos países africanos.

Embora se verifique esse aparente controle da pandemia do novo Coronavírus em alguns países, incluindo Moçambique conforme as estatísticas diárias apresentadas pelo Ministério da Saúde (MISAU), a Organização Mundial da Saúde regional África, tem chamado atenção aos governos africanos para não usarem essa “bênção” para relaxar ao máximo as medidas de prevenção, sob o risco da situação se tornar catastrófica. A distribuição desigual das vacinas que se verifica no mundo, coloca em alerta o continente africano, sob o risco da propagação de uma nova vaga, causada pelas variantes do novo Coronavírus em emergência em muitos países, sendo a britânica, sul-africana, a brasileira e a índia, alguns exemplos.

Muitos países africanos, não têm condições financeiras para comprar vacinas junto das farmacêuticas, daí que passaram a receber “doações” a partir da iniciativa *COVAX*, criada pela OMS e outros países economicamente poderosos, de forma a ajudar na imunização da população em África. Mesmo com essas “doações” feitas através da iniciativa *COVAX*, a demanda em África é maior, de tal maneira que as vacinas não chegam para todos, o que ainda coloca os países africanos sob ameaças da pandemia do novo Coronavírus.

Aqueles que chegaram até aqui, nossos agradecimentos. A mensagem permanece; que o conhecimento científico seja sempre aquele a descortinar o achismo e a





ignorância, aquele a eliminar os dogmas. Que a poesia, a literatura, a arte e outras formas de expressão nos ajudem a ir além da lógica e da racionalidade formal, para com isso sermos mais humanos – inclusive para compreendermos com clareza a importância e o papel da Ciência.

Que possamos incrementar, incentivar e fomentar o desejo por publicar, por se fazer ciência!

Uma boa leitura a todos!

Charlei Aparecido da Silva
Editor da Revista Entre-Lugar

Bruno de Souza Lima
Secretário Executivo

Dourados (MS) – 2021

*“Você não sente nem vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer”*

Antonio Belchior

Lucas Atanásio Catsossa

Edvaldo Cesar Moretti

Karoline Batista Gonçalves

Editores da Seção Temática
África em debate